



manuel a. domingos

(pão)

pão
escreve-se levantar cedo
amanhar a terra
semear
escreve-se sol
água
espiga
dia de trabalho
homem ou mulher
e escreve-se sempre suor
porque pão pão
escreve-se cantar
círculo
histórias para ouvir
lume
porque pão
não se escreve
pão
escreve-se vida
amor

In *Entre o Silêncio e o Fogo*,
Aquilo Teatro,
Março de 2002, p. 33.

ST. ANTÓNIO PREGANDO AOS POETAS

podia aqui falar
de mais um dia a tentar vencer o tédio
mas seria
fácil.

falarei antes
do importante que é escrever
com poucos adjetivos:

utiliza-os com peso
e medida.
se a necessidade de escrever
com adjetivos surgir
pousa a caneta
e espera
que a vontade passe.

não há nada pior que
um adjetivo.

assemelha-se a uma pedra
nos rins: imóvel
mas que
a qualquer momento
se pode soltar

tornando o teu dia
insuportável.

In *Mapa*, Livrododia Editores,
Maio de 2008, p. 53.

manuel a. domingos (Manteigas, 1977) é professor, escritor, tradutor e editor. Estreou-se em 2002 com o livro de poemas *Entre o Silêncio e o Fogo*, ao qual se seguiram *Mapa* (2008), *Teorias* (2011), *Penumbra* (2012), *Interrupção* (2014) e *Baço* (2015). Em 2013, inau-gurou a actividade de editor com a narrativa autobiográfica *Vala Comum*. Na Medula, projecto editorial que mantém activo, publicou vários livros de poesia nacional e estrangeira. Escreveu, em parceria com António Godinho, a peça de teatro *Eu queria encontrar aqui ainda a terra* (2009). Traduziu livros de Charles Bukowski, Antonio Orihuela, E. Ethelbert Miller e Xavier Queipo. Tem colaboração dispersa por várias revistas.

DIGA33
poesia no teatro
às terças-terças-feiras
de cada mês

Programa elaborado por
HENRIQUE MANUEL BENTO FIALHO



2018
TEATRO DA RAINHA

Dia a dia
recorres aos oráculos

da miséria
alheia

E nem precisas
de ir a Delfos

o futuro está
ao virar da esquina

no quiosque
de sempre

In *Teorias*,
Edição do autor,
Novembro de 2011,
p. 29.

Agora tudo é filósofo. Toda a gente escreve ensaios sobre tudo e mais alguma coisa. Fazer-se entender é que não. Só os da Academia é que entendem. Sempre achei piada às academias. Têm todos a puta da mania, como é costume dizer. Os seus membros, envoltos numa importância que não têm, debitam o seu saber para meia dúzia de folhas, que só meia dúzia de pessoas vai ler e entender. As Academias são o último reduto de um primitivismo cheio de regras completamente estapafúrdias que não interessam a ninguém e que nada acrescentam. E, além do mais, a maior parte dos académicos são uns chupistas de primeira e uns lambe-botas de segunda ou terceira categoria. Quando me lembro de académicos lembro-me de Marinetti. Todo ele era contra a Academia e acabou por se transformar num académico. Faz lembrar os meninos bonitos do Maio de 68, que ergueram barricadas contra a burguesia — quando eles próprios eram provenientes da burguesia: só um burguês é que perde tempo com barricadas e coisas desse género — e depois, passados bons anos, se converteram em eurodeputados e consideram-se eurocépticos. Porra. Eurocépticos e são eurodeputados?

In *Vala Comum*,
Medula, Março de 2013,
pp. 42-43.

PRÓXIMA SESSÃO 17 DE ABRIL

com

CARLOS ALBERTO MACHADO

autor e editor da Companhia das Ilhas

henrique
manuel
bento flalho
nuno moura
joão paulo
estesves
da silva
paulo
da costa
domingos
manuel a.
domingos
carlos
alberto
machado
miguel-manso
pedro mexia
miguel de
carvalho
rui costa
andre corrêa
carvalho
margarida
vale de gato
claudia souco
vasco david
helena vieira
m. parissu
jaime rocha